



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANDREIA CAROLINA DE OLIVEIRA SERAFIM

**HOMENS NA PEDAGOGIA: IDENTIDADES PROFISSIONAIS POSSÍVEIS EM UM
CURSO FEMININO**

JOÃO PESSOA/PB

2023

ANDREIA CAROLINA DE OLIVEIRA SERAFIM

**HOMENS NA PEDAGOGIA: IDENTIDADES PROFISSIONAIS POSSÍVEIS EM UM
CURSO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito final para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho

JOÃO PESSOA/PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S481h Serafim, Andreia Carolina de Oliveira.

Homens na Pedagogia: identidades profissionais possíveis em um curso feminino / Andreia Carolina de Oliveira Serafim. - João Pessoa/PB, 2023.

47 f. : il.

Orientação: Maria Eulina Pessoa de Carvalho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Pedagogia. 2. Identidade profissional. 3. Gênero. 4. Representações sociais. I. Carvalho, Maria Eulina Pessoa de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37-051(043.2)

ANDREIA CAROLINA DE OLIVEIRA SERAFIM

**HOMENS NA PEDAGOGIA: IDENTIDADES PROFISSIONAIS POSSÍVEIS EM UM
CURSO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito final para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data da aprovação: 12/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Dra. Jeane Félix da Silva (Examinadora)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)



Prof. Dr. José Leonardo Rolim de Lima Severo (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Dra. Maria Lúcia Vannuchi (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

*Dedico este trabalho a minha mãe, Josefa
Gomes de Oliveira, por sempre acreditar em
mim e me ajudar a tornar meus sonhos
possíveis.*

AGRADECIMENTOS

Poderoso e transformador, o sentimento da gratidão nos conduz ao reconhecimento das ações daqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dos nossos projetos. Assim, venho através deste escrito agradecer àqueles que de alguma forma colaboraram e me impulsionaram durante minha jornada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e possibilitaram a realização de um sonho.

Aqui externo minha gratidão a Deus, por me levantar todos os dias e me manter de pé diante das tribulações que a cada dia a vida nos impõe. Sempre soube que não seria fácil sair de Juarez Távora, uma cidadezinha no interior da Paraíba, e mergulhar no cosmos da UFPB, sobretudo por carregar a responsabilidade de ser a primeira pessoa da família a adentrar o ensino superior, mas o Senhor me sustentou ao longo de todo o processo e por isso sou eternamente grata.

Agradeço também a minha mãe, Josefa Gomes de Oliveira, por me dar forças nos momentos de fraqueza e me encorajar quando o medo me fazia desacreditar das minhas capacidades. Teu colo, tuas palavras de afeto e coragem permitiram que eu permanecesse neste trajeto e não desistisse dos meus objetivos. Obrigada por suscitar em mim o desejo pelo conhecimento, por me mostrar que com dedicação e força de vontade é possível transformar sonhos em realidade e, acima de tudo, por ser meu porto seguro e minha melhor amiga.

Ao meu irmão, Venicius de Oliveira Serafim, e ao meu segundo pai, Josenildo de Sales Silva, agradeço pelo suporte financeiro no início do curso. Obrigada por investir em minha educação, mesmo que para isso tenha sido preciso abdicar de seus projetos pessoais; saibam que foi através de seus esforços que hoje concluo minha graduação e me torno Pedagoga. Minha gratidão também é destinada aos demais familiares, pela compreensão nos momentos em que estive ausente dos encontros em família, por precisar dedicar a maioria do meu tempo aos estudos, projetos e vivências na universidade.

Agradeço ainda a minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho, por todos os direcionamentos durante o desenvolvimento dos projetos de iniciação científica dos quais fiz parte como aluna PIBIC, nos anos de 2020, 2021 e 2022. Obrigada por acender em mim o desejo pela pesquisa, professora, e por sistematizar comigo os passos deste trabalho com ética, compromisso e sabedoria, além de contribuir tão significativamente com a minha formação profissional e humana.

Por fim, agradeço aos diversos professores e amigos com quem tive o privilégio de vivenciar as trocas de conhecimento no universo acadêmico, essas linhas são curtas demais

para listar os nomes a quem destino meus sinceros agradecimentos, mas fica aqui o registro do sentimento de gratidão que externo a cada um de vocês pelos ensinamentos e pela parceria ao longo de todo o curso. Vocês foram essenciais para a construção da minha identidade profissional e a solidificação da minha identidade pessoal em um contexto de tantas especificidades e pluralidades que compõem o cosmos universitário.

“Sempre fui feminista. Isso significa que eu me oponho à discriminação das mulheres, a todas as formas de desigualdade baseadas no gênero, mas também significa que exijo uma política que leve em conta as restrições impostas pelo gênero ao desenvolvimento humano.”

(Judith Butler)

RESUMO

O processo histórico de feminização do magistério subsumiu a Pedagogia, o que se acentuou com a designação da docência na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental como foco principal da formação profissional. Apoiada nos estudos de representações sociais, gênero, divisão sexual do trabalho, feminilização e feminização do magistério e identidade profissional, esta pesquisa tem por objetivo analisar a percepção de estudantes homens a respeito da sua inserção em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico sobre a prática profissional de sujeitos do sexo masculino na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, e de entrevistas com 16 alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - Campus I, buscando explorar suas motivações para a escolha do curso e perspectivas de inserção profissional. As análises permitiram constatar as implicações de gênero e classe social que ancoram as representações sociais da Pedagogia como um curso de mulher e de pouco prestígio social, conferindo-lhe uma identidade profissional desvalorizada. Nesse contexto, observou-se que a motivação para a escolha do curso se deu majoritariamente pela identificação dos estudantes com a profissão, através da influência de profissionais da educação. Por outro lado, os alunos têm ciência das barreiras que enfrentarão ao decidirem prosseguir em um curso feminizado e almejam postos de trabalho que se distanciam das posições desvalorizadas da profissão, como a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e aspiram cargos de gestão, supervisão, carreira acadêmica e concursos públicos. Espera-se que este estudo possa contribuir para a discussão sobre as finalidades formativas do curso e, em especial, para desmistificar a visão estereotipada do homem na educação das crianças, colaborando para as discussões sobre a igualdade de gênero na educação e no trabalho docente.

Palavras-Chave: Pedagogia. Identidade Profissional. Gênero. Representações Sociais.

ABSTRACT

The historical process of feminization of teaching subsumed the Pedagogy Program in Brazil, by accentuating the designation of teaching in Preschool and Elementary School as the main focus of its professional training. Based on studies of social representations, gender, sexual division of labor, feminization of teaching and professional identity, this research aims to analyze the perception of male students regarding their insertion in a predominantly female socio-occupational space. The quantitative and qualitative research included a bibliographical survey about the professional practice of male teachers in Preschool and Elementary School, and interviews with 16 students of the Pedagogy Program at Federal University of Paraiba - Campus I, in João Pessoa, Brazil, seeking to explore their motivations for choosing the program and their prospects for professional practice. The analyses allowed to verify the implications of gender and social class, that anchor the social representations of Pedagogy as a higher education program for female with little social prestige, bringing about a devalued professional identity. In this context, it was observed that the motivation for choosing the program was mainly due to the students' identification with the profession, through the influence of education professionals. On the other hand, students are aware of the barriers they will face when they decide to pursue a feminized program, and they envision jobs that distance themselves from the devalued positions of the profession, such as teaching in Preschool and Elementary School, and aspire to positions of management, supervision, academic careers and public tenders. This study can contribute to the evaluation of the training purposes of the Pedagogy program and, in particular, to demystify the stereotyped view of men in child education, impacting discussions on gender equality in education and teaching.

Keywords: Pedagogy (Teacher Education). Professional Identity. Gender. Social Representations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO.....	14
3 FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE.....	16
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	20
5 IDENTIDADES PROFISSIONAIS POSSÍVEIS EM UM CURSO FEMININO.....	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	45

1 INTRODUÇÃO

As primeiras instituições escolares brasileiras nasceram a partir do viés religioso e masculino, com a chegada dos jesuítas no período colonial que, além de catequizar os povos indígenas, formavam meninos e jovens brancos das classes dominantes da época. Assim, até meados do século XIX, a docência era uma função socialmente exercida por homens, dado que eles eram os únicos cidadãos instruídos de conhecimento letrado, capazes de formalizar sua transmissão para os demais sujeitos. Contudo, o processo de industrialização ao longo do século XX acarretou o deslocamento dos homens para outras funções sociais, inclusive com maiores salários, o que possibilitou a entrada e permanência de mulheres na profissão docente, configurando o magistério como área de atuação predominantemente feminina (LOURO, 1997; FERREIRA e CARVALHO, 2006).

Atualmente, o curso de Pedagogia ocupa o 1º lugar entre os 20 maiores cursos de graduação em número de matrículas. Segundo o Censo da Educação Superior de 2020, o curso acumulou um total de 816.247 matrículas, das quais 92% correspondem à matrícula de mulheres, enquanto 8% correspondem à matrícula de homens, caracterizando-se, também, como o curso com maior presença feminina em todo o país (BRASIL, 2022). Ao concentrar uma maioria de estudantes mulheres, o curso tende a desenvolver uma cultura marcada pelo gênero, no caso, feminino, apresentando-se como um campo feminilizado e feminizado, nos sentidos quantitativo e qualitativo (YANNOULAS, 2011).

Nessa construção gendrada de espaços sociais, em seu percurso histórico a Pedagogia foi sendo progressivamente considerada uma área mais afeita às mulheres, a partir de essencialismos e naturalizações que a elas creditam as características pretensamente inatas do cuidar, servir, ensinar, particularmente as crianças. Destarte, embora tenham sido originalmente os primeiros Pedagogos, os homens que presentemente adentram o lócus pedagógico enfrentam desafios: precisam lidar tanto com estereótipos e preconceitos de outros sujeitos sociais com os quais se relacionam, quanto com preconceitos internalizados; sendo sua presença escassa, são colocados à margem da docência, sobretudo na Educação Infantil.

Nesse contexto, considerando que o curso de Pedagogia atualmente forma professores/as para o exercício do magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, propondo-se, ainda, à formação de especialistas em educação e educadores/as não escolares (BRASIL, 2006), o presente trabalho analisa a percepção de estudantes homens a respeito da sua inserção em um espaço sócio-ocupacional

predominantemente feminino. Problematiza-se, desta forma, a intersecção entre identidade de gênero e identidade profissional na perspectiva de alunos de Pedagogia, a partir da Teoria das Representações Sociais. Assim, indaga-se: *como os alunos do sexo masculino constroem sua identidade profissional em um campo formativo marcadamente feminino? As representações sociais de gênero contribuem para a exclusão desses sujeitos do campo formativo e laboral?*

A investigação dessas questões possibilita conhecer as representações sociais presentes nos espaços de formação de Pedagogos/as, entendendo o curso superior como instância de aprendizagem técnica e de formação de identidade profissional (CARVALHO, 2018). Supõe-se que as representações sociais de estudantes de Pedagogia apresentam marcas de gênero (feminino); que as representações sociais de gênero configuram as identidades profissionais já no contexto da formação; que a formação profissional reproduz estereótipos profissionais e de gênero; e que as representações sociais de gênero presentes na configuração das identidades profissionais de Pedagogos/as devam ser problematizadas.

O foco nos alunos do sexo masculino propicia um olhar problematizador num campo formativo em que eles são minoria e que, ao buscarem o curso, transgridem as representações de gênero tradicionais que afastam os homens da educação e do cuidado das crianças. Logo, a pesquisa tem relevância, pois a atuação profissional docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é estratégica para a reprodução ou transformação das representações sociais sobre a divisão sexual do trabalho e o gendramento das profissões, na direção do alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, especialmente o ODS 5 – Igualdade de gênero, conforme a Agenda 2030, apoiada pela iniciativa global da ONU Mulheres “Por um planeta 50–50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero”, da qual o Brasil é signatário (ONU MULHERES, 2016).

Salienta-se que o interesse pela temática surge da participação, nos anos de 2020 e 2021, como bolsista PIBIC, nos planos de trabalhos intitulados “Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia na UFPB” (CARVALHO, 2020) e “Homens na Pedagogia: motivações e perspectivas de inserção profissional” (CARVALHO, 2021), vinculados ao projeto de pesquisa “Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia e Engenharia: um estudo comparativo na UFPB e na UFU” (CARVALHO, 2018), financiado pela Chamada MCTIC/CNPq n. 28/2018 e desenvolvido conjuntamente pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), respectivamente pelos grupos de pesquisa “Gênero, Educação, Diversidade e Inclusão” (GEDI/UFPB), e “Gênero, relações sociais, representações e subjetividades” (GEPEGRES/UFU).

Deste modo, as atividades e investigações desenvolvidas nos dois planos de trabalho, ambos oriundos do projeto mais amplo e integrantes do projeto PIBIC, possibilitaram uma aproximação com as discussões sobre os estudos de gênero e seus atravessamentos nos contextos de formação profissional. As reflexões geradas durante os encontros com os grupos de pesquisa provocaram as inquietações sobre o baixo quantitativo de homens docentes na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e incentivaram o desejo de pesquisar sobre o tema de maneira mais ampla.

Para tanto, neste trabalho de conclusão de curso, articulo pesquisa bibliográfica e pesquisa empírica. Com base em levantamento bibliográfico, foram analisados trabalhos disponíveis sobre homens na Pedagogia, que enfocam a prática profissional de sujeitos do sexo masculino na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Na abordagem empírica, foram localizados e entrevistados 16 alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - Campus I. As análises das entrevistas buscam explorar suas motivações para a escolha do curso e perspectivas de inserção profissional.

Apesar de desafiador, espera-se que este estudo possa contribuir para desmistificar a visão estereotipada que se tem do homem na educação das crianças, sobretudo na etapa da Educação Infantil, onde a presença deles é mais escassa, colaborando para as discussões sobre a igualdade de gênero na educação (especificamente na escola) e no trabalho (na docência). Poderá contribuir, ainda, para as discussões sobre as finalidades formativas do curso, que priorizam a docência nas etapas iniciais da educação básica.

Diante da problemática descrita, o referencial teórico se baseia em estudos de representações sociais (Serge Moscovici, 2005; Denise Jodelet, 1989 e 2015; Ângela Arruda, 2002), gênero (Joan Scott, 1995; Guacira Louro, 1989, 1997 e 2004), divisão sexual do trabalho (Helena Hirata e Danièle Kergoat, 2007), feminização e feminilização do magistério (Silvia Yannoulas, 2011) e identidade profissional (Claude Dubar, 2005 e 2012).

Para alcançar o objetivo proposto, as próximas seções deste trabalho foram organizadas da seguinte maneira: na primeira é articulado o referencial teórico que embasa as discussões sobre a raridade dos homens na Pedagogia, conforme a literatura acadêmica da educação; na segunda são apresentados os caminhos metodológicos trilhados para a realização da pesquisa bibliográfica e empírica; e na terceira são tecidas as reflexões teóricas sobre as questões que nortearam a pesquisa e as análises sobre a construção da identidade profissional dos alunos entrevistados do curso de Pedagogia da UFPB, enfocando suas motivações de escolha da Pedagogia e suas perspectivas de inserção profissional. As seções seguintes são destinadas às considerações finais, referências e apêndices.

2 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi concebida pelo psicólogo romeno, radicado na França, Serge Moscovici (1925–2014), por volta de 1960, e desenvolvida por Denise Jodelet e outros/as estudiosos/as na França e também no Brasil. Moscovici (2005) define as representações sociais como “um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso das comunicações interpessoais” (p. 181). Elas buscam contemplar as vivências, os processos e produtos da realidade, e integram uma produção cognitiva, afetiva e emocional (JODELET, 2015). Assim, ao propiciar a compreensão de significados e valores individuais e coletivos, elas são fundamentais na dinâmica das relações e práticas sociais, constituindo uma teoria do conhecimento cotidiano que orienta os comportamentos e ações dos sujeitos ao buscarem apreender a realidade em que se inserem.

Ao apresentar um panorama sobre a Teoria das Representações Sociais, Ângela Arruda (2002) aponta que tal teoria “operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e sua diversidade” (p. 129), sob o pressuposto de que há formas diversas de conhecer e se comunicar no mundo social. Uma dessas formas é o saber reificado, produzido por especialistas através do pensamento científico. Outra forma é o saber consensual, construído coletivamente nas trocas cotidianas e acessível a todos, o saber do senso comum. É na esfera consensual que as representações sociais são produzidas por um sujeito do conhecimento ativo e criativo que constrói a realidade em estreita interação e comunicação com os demais.

O objeto de uma representação também se torna parte desse contexto ativo e rompe com a dicotomia da relação entre sujeito e objeto. Domingos Sobrinho (2010) salienta que “enquanto sistemas de pré-concepções, de imagens e valores, as representações sociais têm sua própria significação cultural e sobrevivem independentemente das experiências individuais tomadas isoladamente” (p. 33), dado que as representações sociais possuem caráter coletivo e buscam dar conta das diferenças entre grupos, familiarizando o estranho a partir dos processos de ancoragem e objetivação.

A ancoragem, segundo Moscovici (2005),

[...] é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. [...] No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de

uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. (p. 61).

Por outro lado, o autor afirma que a objetivação faz a união da ideia de não-familiaridade com a realidade, ou seja, “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2005, p. 71). Nesse sentido, tanto a ancoragem quanto a objetivação são maneiras de lidar com a memória, uma vez que:

A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2005, p. 78).

Denise Jodelet (1989) afirma que as representações sociais operam articulando “elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm” (p. 8). O estudo das representações sociais, portanto, possibilita a investigação da realidade educacional ao considerar o conhecimento do senso comum como um “legítimo condutor de transformações sociais e que, de certa forma, ‘direciona’ a produção do conhecimento científico” (CRUSOÉ, 2004, p. 110).

Consequentemente, a TRS é útil para as pesquisas em educação, especialmente aquelas interessadas na formação profissional, instância de transformação dos saberes da experiência em *expertise* cientificamente fundamentada, e mais ainda para aquelas pesquisas que enfocam a formação de educadores e educadoras, dado que, conforme salienta Crusoé (2004), ao tomar o conhecimento do senso comum como verdadeiro, a Teoria das Representações Sociais permite elucidar determinadas práticas e identificar as representações sociais dos sujeitos em relação a um determinado objeto e compreender algumas questões sociais.

Nesta pesquisa, então, o referencial da TRS é tomado para analisar a percepção de estudantes homens a respeito da sua inserção em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino e buscar compreender a construção da identidade profissional no contexto formativo de um curso gendrado, com predominância de mulheres.

3 A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

Em meados do século XIX, as transformações sociais, culturais, econômicas e políticas no país provocaram o crescimento e a diversificação das oportunidades de trabalho, delineando novos contornos aos campos trabalhistas e apontando a necessidade de escolarização mais ampla da população. A expansão das escolas normais em diferentes províncias do país permitiu às mulheres da classe média adentrar o mundo do trabalho, sendo o magistério a única profissão bem aceita socialmente.

Esse processo se deu repleto de dificuldades, dado que a organização das funções e das esferas de atuação produtiva incitava os homens às atividades externas enquanto reservava às mulheres o mundo doméstico. Guacira Louro (1989) destaca que, como decorrência dessa divisão, são atribuídas às naturezas masculina e feminina características que se adéquam às funções e atividades que cada um/uma exerce: “as mulheres seriam ‘naturalmente’ dóceis, submissas, sensíveis, dependentes, minuciosas, intuitivas, pacientes; os homens, mais lógicos, organizadores, fortes, agressivos, independentes, decididos” (p. 33).

A autora destaca também que foi construída uma relação entre magistério e domesticidade, visto que a função docente era considerada adequada à mulher por exigir o cuidado de crianças e, de certa forma, tal função representaria uma extensão do seu papel de mãe (LOURO, 1989). Assim, evidencia-se o gendramento profissional de certas características atribuídas às mulheres, com base em uma argumentação essencialista, que configura as representações sociais sobre a identidade feminina em contraponto à identidade masculina, esta construída segundo a atribuição de características como força física e agressividade (YANNOULAS, 2011), corroborando a representação social gendrada da docência e, conseqüentemente, da Pedagogia.

Essas representações sociais do magistério como trabalho de mulher, isto é, sua feminização, surgem a partir das mudanças culturais trazidas pelo processo de urbanização e industrialização do século XX, expressas em discursos que ressignificaram a profissão docente. Guacira Louro (2004) pontua que, na sociedade da época, havia vozes que:

[...] afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha

“espiritual”. (LOURO, 2004, p. 450).

A autora pontua ainda que as características femininas são associadas à doação, que se coaduna com a imagem do sacerdócio, outrora associado à docência, em contraste com uma representação de profissão justamente remunerada:

[...] a partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como “típicamente femininas”: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articulando à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão. (LOURO, 2004, p. 450).

Assim, apesar de os primeiros educadores terem sido homens, no processo de feminilização, ao longo do século XX, foram atribuídas noções de feminilidade à profissão docente, que tornaram a mulher “o ser ideal” para ocupar essa função, a partir da representação da escola e do magistério como uma extensão do espaço doméstico e do papel materno. Ao mesmo tempo, com base na polaridade de gênero, reforça-se a ideia de que o homem não é capaz de ensinar/cuidar de crianças, por não ter os “dons maternos” naturais da mulher. Essas representações sociais de gênero estão fundadas nas diferenças sexuais, que justificam as diferenças sociais entre os sexos, entendendo-se masculino e feminino em um sistema relacional de poder, segundo Joan Scott (1995).

A autora define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 86) e uma forma primária de dar sentido às relações de poder entre homens e mulheres, de tal forma que uma representação simbólica da diferença sexual opera nas práticas sociais e nas experiências individuais, nas instituições e na organização social, bem como na constituição das identidades, em um contínuo processo de (re)produção. Assim, a vida social e a profissão docente são condicionadas por relações de gênero e naturalizadas por processos gendrados e gendrantes, que produzem e justificam desigualdades.

O sistema sexo-gênero separa e hierarquiza as atividades destinadas a homens e mulheres conforme a divisão sexual do trabalho no contexto das relações sociais de sexo, como explicam Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007). Tal divisão atua a partir de dois princípios organizadores, legitimados pela ideologia naturalista: o princípio da separação, que estabelece a existência de trabalhos destinados a homens e trabalhos destinados a mulheres; e o princípio hierárquico, que designa maior valor ao trabalho exercido por homens. Assim, a

identidade profissional docente está imbricada nos princípios dessa construção gendrada dos espaços e trabalhos sociais. Nesse sentido, como os alunos do sexo masculino do curso de Pedagogia percebem sua entrada neste espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino e como projetam seu futuro profissional a partir do legado dessa identidade profissional gendrada?

Dubar (2012) explica que a socialização profissional, concebida como um processo em construção permanente, conecta “situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo (self)” (p. 358). Logo, a construção da identidade profissional é resultado de uma série de significações e ressignificações de práticas sociais, formativas e laborais, que ocorrem em diferentes contextos de socialização e possibilitam o reconhecimento de si e dos outros sujeitos como profissionais.

Para o autor, “a construção das identidades se realiza, pois, na articulação entre os sistemas de ação, que propõem identidades virtuais, e as ‘trajetórias vividas’, no interior das quais se forjam as identidades ‘reais’ às quais os indivíduos aderem” (DUBAR, 2005, p. 140-141). Assim, não há como pensar a identidade profissional dissociada do sistema (prático e simbólico) que estrutura o mundo do trabalho, visto que nele são reproduzidas posições de diferenciação que perpetuam desigualdades com base em estruturas sociais como classe, gênero, raça e outras.

Quanto à construção da identidade profissional docente segundo o sexo/gênero, essa diferenciação é expressa pelo quantitativo de homens e mulheres matriculados nos cursos de graduação/licenciatura. Na Universidade Federal da Paraíba, lócus desta pesquisa, o curso de Pedagogia possui um total de 1.407 discentes com vínculo ativo, segundo dados obtidos junto à Coordenação do curso em março de 2023. Desse total, 1.175 (83,5%) são discentes do sexo feminino e 232 (16,5%) do sexo masculino, matriculados nos três turnos de oferta da instituição (manhã, tarde e noite). Observa-se, portanto, que o curso de Pedagogia da UFPB é feminilizado e o quantitativo de mulheres matriculadas se aproxima, ainda que inferior, à média nacional de 92%, conforme dados do Censo da Educação Superior, já apresentados.

Como já apontado, essa disparidade de sexo na formação profissional é resultante de diversos processos históricos e culturais: a feminilização, relativa ao aumento da participação de mulheres em uma ocupação; e a feminização, que implica mudanças no significado de uma profissão e vincula sua imagem simbólica ao feminino (YANNOULAS, 2011). Assim, a Pedagogia tem *status* de profissão sexualmente marcada no contexto das relações sociais de sexo, que instituem a divisão sexual do trabalho, reduzem o gênero a diferenças biológicas entre os sexos e resumem as práticas sociais a papéis sociais sexuais (HIRATA; KERGOAT,

2007).

Destarte, ao inferir que um dos marcadores de identidade é o sexo/gênero e o curso de Pedagogia é feminilizado e feminizado, isto é, possui identidade feminina, que identidade profissional é construída pelos sujeitos do sexo masculino que adentram o curso?

Na próxima seção detalha-se o percurso metodológico utilizado para responder tal indagação.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Considerando que o interesse pela temática nasce das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), optou-se por trabalhar com os dados coletados durante o desenvolvimento do plano de trabalho “Homens na Pedagogia: motivações e perspectivas de inserção profissional” (CARVALHO, 2021) e analisá-los mais profundamente, fomentando as investigações e os conhecimentos iniciados no contexto do projeto de pesquisa “Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia e Engenharia: um estudo comparativo na UFPB e na UFU” (CARVALHO, 2018). Assim, este trabalho adota procedimentos quanti-qualitativos, com predominância qualitativa, e utiliza abordagens bibliográficas e empíricas para compreender os fenômenos sociais de formação das representações e identidades profissionais de Pedagogos em um campo feminilizado e feminizado, isto é, considerando as características do gendramento da Pedagogia.

Para Severino (2013), a pesquisa bibliográfica é aquela que

Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O[A] pesquisador[a] trabalha a partir das contribuições dos autores [e autoras] dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2013, p. 106).

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica partiu de um levantamento de trabalhos publicados sobre a temática estudada. Por meio de rigorosa busca por descritores, foram levantados textos sobre homens na Pedagogia, que enfocam a prática profissional de sujeitos do sexo masculino na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, espaços de atuação profissional considerados exclusivos do/a pedagogo/a. Os trabalhos que faziam referência aos anos finais do Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio foram descartados, visto que se entende que os homens que atuam nessas etapas são professores licenciados em disciplinas específicas, ou gestores e supervisores escolares. Também foram descartados trabalhos cujo foco era a feminização do magistério, mas que tinham as mulheres como objeto de estudo; trabalhos que discutiam as relações de gênero na Educação Infantil, mas com o objetivo centrado nas brincadeiras infantis; e demais materiais que não se articulavam diretamente com o objeto e objetivo deste trabalho de conclusão de curso.

As buscas ocorreram em dois momentos: inicialmente, em novembro de 2020, sendo posteriormente atualizada em março de 2021. A base de dados utilizada foi o portal de

periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando os recursos da busca avançada por meio da combinação de sete descritores (*Homens; Docência; Magistério; Educação Infantil; Identidade Profissional; Identidade de Gênero; e Representações Sociais*), para selecionar trabalhos em português, publicados no Brasil. Visando restringir a busca, considerando a participação dos homens em uma profissão gendrada, o levantamento foi realizado tendo como descritor fixo o termo *Homem* combinado a outro descritor: *Homem + Docência; Homem + Magistério; Homem + Educação Infantil; Homem + Docência + Educação Infantil; Homem + Magistério + Educação Infantil; Homem + Docência Infantil; Homem + Educação Infantil + Identidade Profissional; Homem + Educação Infantil + Identidade de Gênero; Homem + Educação Infantil + Representações Sociais*.

As buscas resultaram em um número considerável de trabalhos. A combinação *Homem + Magistério Infantil* não apresentou nenhum retorno no momento da investigação. Já a combinação *Homem + Docência* apresentou um retorno de 660 trabalhos disponíveis. Entretanto, após análise do título, palavras-chave e resumo, apenas 16 trabalhos resultantes dessa combinação estavam ligados ao objetivo proposto. Este processo prévio de análise foi realizado com todos os materiais encontrados. O quadro 1 apresenta a quantidade de trabalhos achados e validados para fins desta análise.

Quadro 1: Levantamento bibliográfico sobre Homens na Pedagogia, 2021 - combinação de descritores

Descritores	Resultado da busca	Produções validadas
<i>Homens + Docência</i>	660	16
<i>Homens + Magistério</i>	395	8
<i>Homens + Educação Infantil</i>	309	18
<i>Homens + Docência + Educação Infantil</i>	78	7
<i>Homens + Magistério + Educação Infantil</i>	62	3
<i>Homens + Docência Infantil</i>	2	2
<i>Homem + Educação Infantil + Identidade Profissional</i>	14	2
<i>Homem + Educação Infantil + Identidade de Gênero</i>	20	2
<i>Homem + Educação Infantil + Representações Sociais</i>	43	8

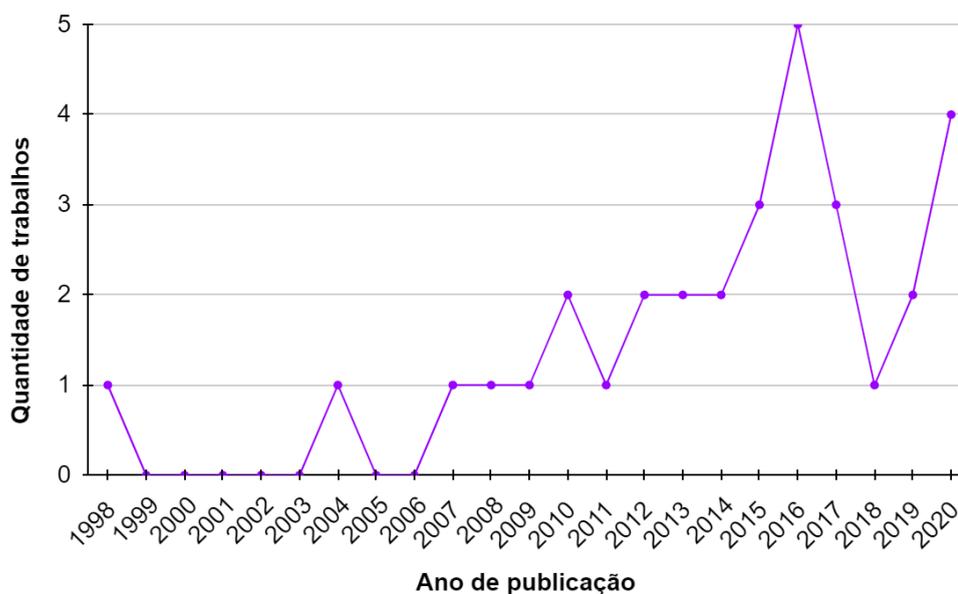
Fonte: Portal de periódicos da CAPES, elaboração da autora.

Quanto às possíveis intersecções entre as produções validadas, salienta-se que alguns trabalhos apareceram repetidamente em combinações distintas. Contudo, após o processo de

seleção, o número total de produções validadas resultou em 32 trabalhos, dentre eles uma tese e uma dissertação, publicadas em periódicos diversos.

É interessante considerar também que a busca foi realizada sem delimitação temporal, tendo sido encontrados trabalhos publicados entre os anos de 1998 e 2020, abrangendo um período de 22 anos. Entre o primeiro trabalho de 1998 e o segundo de 2004, foi observado um lapso temporal de seis anos. De 2010 a 2020, o número de trabalhos publicados sobre a temática varia de um a cinco por ano, totalizando 27 produções. O gráfico 1 mostra a distribuição temporal das produções publicadas de 1998 a 2020, com concentração na última década.

Gráfico 1: Distribuição temporal de trabalhos publicados em periódicos brasileiros sobre professores homens na Pedagogia



Fonte: Levantamento bibliográfico sobre Homens na Pedagogia, 2021.

A partir das análises, evidenciou-se que a maioria dos trabalhos foi produzida na região Centro-Oeste (15 trabalhos), seguida da região Sudeste do país (11 trabalhos) – sendo um texto produzido por autores/as de ambas as regiões. Há apenas quatro trabalhos produzidos por autores da região Sul e dois da região Nordeste. Nenhum trabalho possui autoria de pesquisadores/as vinculados/as a instituições da região Norte e três trabalhos possuem autoria de uma pesquisadora vinculada a uma instituição portuguesa. Sobre a autoria, observou-se que as mulheres são as mais interessadas em estudar e discutir tal temática, dado que apenas nove homens aparecem como autores e/ou coautores das produções investigadas.

A concentração de trabalhos na região Centro-oeste ocorre devido à publicação constante de trabalhos pela autora Josiane Gonçalves, cuja autoria/coautoria aparece em 12 das 32 produções encontradas. Destarte, o levantamento bibliográfico evidenciou a escassez de materiais sobre o tema, corroborando, então, a baixa produção científica sobre o assunto em território nacional. As contribuições desses estudos serão articuladas à análise das entrevistas com os alunos de Pedagogia do campus I da UFPB na seção seguinte.

No que se refere aos procedimentos da abordagem empírica, a pesquisa se baseou em 16 entrevistas estruturadas realizadas com alunos do sexo masculino do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus de João Pessoa. Participaram das entrevistas os alunos que responderam ao questionário *online*, por meio da ferramenta *Google forms*, aplicado na primeira etapa do trabalho de campo do projeto de pesquisa “Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia e Engenharia: um estudo comparativo na UFPB e na UFU” (CARVALHO, 2018), realizada em 2020.

Enquanto técnica de coleta de informações, as entrevistas possibilitam ao/a pesquisador/a assimilar o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam sobre um determinado assunto. No caso das entrevistas estruturadas, Severino (2013) pontua que

[...] as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtêm, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais. (SEVERINO, 2013, p. 108).

Assim, os alunos responderam a um roteiro composto por 17 perguntas, divididas em dois blocos: oito fechadas, de caracterização (nome fictício, gênero, orientação sexual, idade, cor/raça/etnia, estado civil, filhos/as e situação laboral) e nove abertas, sobre motivações de ingresso, experiências e percepções sobre o curso, e perspectivas de atuação profissional, considerando as áreas (docência, gestão, pesquisa) e a feminização do curso. Em decorrência da pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas de forma *online* por sucessivos envios do roteiro via e-mail e *WhatsApp* entre outubro de 2020 e julho de 2021, totalizando 16 roteiros respondidos.

As análises utilizaram as lentes teóricas da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici; dos estudos de gênero e das relações sociais de sexo; e os aportes de

Claude Dubar sobre o desenvolvimento da identidade profissional, buscando articular as informações dos respondentes, identificados por nomes fictícios. Em um primeiro momento, foram feitas leituras individuais das entrevistas, a fim de perceber cada um dos sujeitos, em suas peculiaridades. Na sequência, visando explorar suas motivações para a escolha do curso e perspectivas de inserção profissional no campo feminilizado e feminizado da Pedagogia, as entrevistas foram sistematizadas considerando dois momentos: a escolha do curso (olhar retrospectivo) e os planos de atuação profissional (olhar prospectivo), destacando as representações sociais de gênero articuladas à identidade profissional.

Busca-se, portanto, compreender as representações sociais dos alunos homens a respeito da sua inserção em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino, já que elas influenciam nas mudanças e permanências de comportamentos, ao passo que produzem novas representações sociais.

A seguir, são apresentados as análises e os principais resultados da investigação com os sujeitos entrevistados em articulação aos estudos provenientes do levantamento bibliográfico.

5 IDENTIDADES PROFISSIONAIS POSSÍVEIS EM UM CURSO FEMININO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a percepção de estudantes do sexo masculino do curso de Pedagogia a respeito da sua inserção em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino, atentando para suas representações sociais sobre as identidades profissional e de gênero do curso. Nesta seção, inicialmente, as 16 entrevistas realizadas com os discentes, por meio do roteiro estruturado, são apresentadas no quadro 2, contendo a caracterização geral dos sujeitos da pesquisa; e, na sequência, são tecidas as análises. Ressalta-se que os nomes dos sujeitos foram criados pelos entrevistados a fim de garantir o sigilo de suas identidades na apresentação dos resultados.

Quadro 2: Características gerais dos entrevistados

Nome fictício	Sexo/Gênero	Idade	Cor/Raça/Etnia	Orientação sexual	Estado civil	Filhos/as	Você trabalha? Se sim, qual sua profissão?
Ariel	M	23	Branco	Homossexual	Solteiro	-	Não
Caio	M	23	Preto	Homossexual	Solteiro	-	Não
David	M	27	Pardo	Heterossexual	Solteiro	-	Sim, operador de caixa.
Eric	M	27	Pardo	Homossexual	Solteiro	-	Não
Fábio	M	36	Branco	Heterossexual	União estável	2	Sim, psicólogo.
Henrique	M	27	Negro	Heterossexual	Solteiro	-	Não
Léo	M	36	Preto/Pardo	Heterossexual	União estável	1	Sim, comerciante.
Lucas	M	30	Pardo	Heterossexual	Divorciado	1	Sim, açougueiro.
Manolo	M	60	Pardo	Heterossexual	Casado	3	Não
Marcos	M	20	Negro	Heterossexual	Solteiro	-	Não
Mateus	M	27	Pardo	Homossexual	Solteiro	-	Sim, assistente social.
Matias	M	51	Negro	Heterossexual	Casado	3	Sim, professor da rede municipal de ensino.
Paulo	M	20	Pardo	Homossexual	Solteiro	-	Sim, prestador de serviços na PMJP.
Pedro	M	26	Negro	Homossexual	Solteiro	-	Não
Willy	M	22	Pardo	Heterossexual	Solteiro	-	Sem resposta.
Xisto	M	26	Negro	Heterossexual	Solteiro	-	Sim, mecânico de refrigeração.

Fonte: Produzido a partir das respostas aos roteiros de entrevistas, 2022.

A partir do quadro, observa-se que as idades dos entrevistados variam entre 20 e 60 anos, com concentração na faixa etária de 20 a 30 anos. Dois discentes possuem idades entre 35 e 40 anos e outros dois estão acima dos 50 anos. Com relação à cor/raça/etnia, quatorze alunos se autodeclararam pretos/pardos ou negros e apenas dois discentes declararam-se brancos. No que se refere à orientação sexual, dez declararam-se heterossexuais e seis homossexuais.

Quanto ao estado civil, há onze solteiros, quatro casados ou em união estável e um divorciado. Já com relação à incidência de filhos/as, a maioria não tem filhos/as e os demais têm de um a três. Nas atividades profissionais desempenhadas concomitantemente ao curso de Pedagogia, metade (8) dos entrevistados informaram que trabalham e as ocupações por eles declaradas foram bastante diversificadas: açougueiro, operador de caixa, mecânico de refrigeração, comerciário, prestador de serviços ou professor da rede municipal de ensino, psicólogo e assistente social. Sete estudantes não trabalham e um não informou.

A escolha do curso

Considerando a escolha da Pedagogia, as análises focaram as motivações para o ingresso no curso e as influências de amigos/as e familiares contrários ou favoráveis à decisão desses sujeitos ao buscarem se inserir em um campo de atuação profissional feminilizado e feminizado (YANNOULAS, 2011).

Sendo assim, observou-se que a motivação para a escolha do curso se deu majoritariamente pela identificação dos entrevistados com a profissão, através da influência de profissionais da educação. Willy (22 anos) expressa identificação com a Pedagogia após interagir com profissional da Pedagogia em seu 1º ano do ensino médio: “*gostei e resolvi escolher a área*”. Paulo (20 anos) também afirmou seu gosto pela docência:

Sempre adorei a docência. Desde criança brincava de escolinha onde eu era o professor, também dava aulas de reforço escolar para primxs com idade menor que a minha. Também tive muitas professoras durante minha trajetória escolar em quem me espelho atualmente como profissional.

Assim como Paulo, Ariel (23 anos, publicitário) também relatou a influência de sua ex-orientadora do curso de publicidade, como principal motivadora para sua escolha pela Pedagogia ao compartilhar “*a beleza de ser professora universitária*”, despertando nele o

interesse em dar aula e se tornar docente. Marcos (20 anos) disse ter escolhido Pedagogia por “*sugestão de um membro da família*”, mas acrescentou que sua mãe foi contra sua escolha porque, segundo ela, a Pedagogia seria “*um curso destinado a mulheres*”. Caio (23 anos) e Xisto (26 anos) destacam o vasto campo de atuação que o mercado de trabalho oferece, ainda que apontem a resistência à entrada de homens no espaço escolar e a desvalorização social da profissão.

O estudo de Rodrigues, Manhóler e Gomes (2020), intitulado “*Em busca de identidade: educação infantil é lugar de homem?*” apontou que a presença pouco comum de homens no trabalho pedagógico com crianças pequenas gera formas de resistência no sentido de persistência das relações de gênero, impostas por gerações passadas em determinado momento histórico, mas que ainda reverberam na atualidade. Nessa mesma linha de raciocínio, Jaeger e Jacques (2017) trazem, nas conclusões de seu estudo “*Masculinidades e docência na educação infantil*”, que o caminho trilhado por homens docentes na Educação Infantil é marcado por suspeições, interdições, incertezas e resistências, visto que a construção sociocultural da docência como profissão de gênero feminino vincula à profissão docente requisitos naturalizados como femininos (sensibilidade, afetividade, etc.), fazendo com que os homens que se inserem neste campo de atuação não sejam bem-vindos e tenham que resistir, no sentido de contrariar as tradicionais normas de gênero, e enfrentar dificuldades, para além dos problemas decorrentes da profissão que escolheram exercer.

Cinco alunos entrevistados já são graduados: em Educação Física, Geografia, Letras-Português, Psicologia e Serviço Social. Manolo (60 anos) e Matias (51 anos), que já são professores, escolheram a Pedagogia para desenvolvimento pessoal e ampliação da própria formação; Eric (27 anos) diz que sua aproximação com a Pedagogia ocorreu devido a sua participação em um projeto de iniciação científica ainda na graduação em Letras, que tinha como objeto de estudo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e as teorias da alfabetização. Fábio (36 anos, psicólogo), aponta a educação como um “*agente de fundamental importância para a transformação social e a defesa da democracia*” e enxerga na Pedagogia uma complementação na sua formação para atendimento às crianças. Já o assistente social Mateus (27 anos) afirma que a motivação para ter a Pedagogia como escolha se deu em função de seu “*processo de escolarização enquanto sujeito gay e afeminado*”, expressando uma vontade política de transformação das relações de gênero heteronormativas que vivenciou na escola:

Enquanto criança e adolescente, não entendia os sentidos de todos aqueles mandatos sobre a minha conduta, por exemplo, “descruze as pernas”; “você precisa jogar futebol”; “brinque com os meninos e não com as meninas”, dentre tantas outras situações, que me deixavam extremamente desconfortável por estar na escola e com muita dificuldade de encontrar sentidos para a educação. Dessa forma, acredito que o maior motivo da minha escolha pela Pedagogia foi a vontade política de transformar esses modelos que historicamente a educação tem colocado como forma única, pronta e acabada de enxergar o mundo. Além disso, eu queria/quero muito que pessoas como eu não passem por toda violência que passei: do acordar, passando pelo caminho da escola, até chegar lá e ter que lidar com professores, gestores e demais profissionais que me inferiorizavam devido a minha identidade sexual e de gênero dissidente.

Três alunos admitem em suas falas que a Pedagogia não foi a primeira escolha: David (27 anos) e Pedro (26 anos) referem-se ao ingresso no curso como “o que deu pra entrar” devido à “baixa pontuação no Enem”; já Henrique reconhece que inicialmente o curso foi apenas “um trampolim” para que viesse a obter uma graduação em Direito.

Por outro lado, Léo explica que sua escolha pela Pedagogia se deu em função de “um plano pessoal e profissional, além do ideal em contribuir de algum modo para o desenvolvimento humano” e relata que, durante seu trajeto no curso, escutou “muitas coisas absurdas”: *isso é coisa de mulher, vai morrer de fome, professor não é respeitado, entre outras sandices*. Lucas escolheu a Pedagogia por “admiração pela profissão que forma todas as outras” e afirma seu interesse na docência: “Meu objetivo é me graduar e exercer minha profissão através de um concurso público”.

Tartuce, Nunes e Almeida (2010) destacam vários estudos que constatarem as motivações dos sujeitos para se tornarem professores e optarem pelo exercício docente. Segundo as autoras,

[...] as motivações para o ingresso no magistério permanecem no campo dos valores altruístas e da realização pessoal, estando fortemente ancoradas na imagem de si e na experiência cotidiana, a saber: o dom e a vocação, o desejo de ensinar, o amor (pelas crianças, pelo outro, pela profissão, pelo saber), a possibilidade de transformação social e a necessidade de logo conquistar certa autonomia financeira. (TARTUCE, NUNES e ALMEIDA, 2010, p. 448).

Assim, ao analisar as respostas, observa-se que os estudantes têm uma representação social positiva da profissão. Até mesmo aqueles que não optaram pela Pedagogia como

primeira opção de curso enxergam na profissão uma multiplicidade de oportunidades que a área oferece diante da amplitude do mercado de trabalho. Contudo, ao serem questionados sobre alguém ser contra a escolha do curso, Paulo, David e Marcos responderam que o pai ou a mãe são contra suas escolhas. Ariel revelou que sua família o apoiou bastante, embora seus amigos da primeira graduação em Publicidade não tenham entendido sua mudança de rumo profissional.

Os demais afirmaram que ninguém se declarou literalmente contra, mas destacaram a desvalorização social da profissão ao relatarem os questionamentos vindos de parentes e amigos sobre a Pedagogia ser um curso voltado para o público feminino e a baixa remuneração da função de professor, como é possível observar nos relatos de Matias e Mateus:

Meus amigos sempre perguntam por que resolvi fazer um curso destinado ao público feminino, tudo em ritmo de brincadeiras, mas sei que nas brincadeiras sempre aparece um pouco de verdades, o curso de Pedagogia ainda é muito discriminado pelos homens por acharem que só mulheres deveriam cursá-lo. Quando mais jovem já cheguei a pensar assim também, no entanto, com o passar do tempo entendi que isso não tem nada a ver. Estudar educação é uma tarefa para todos os seres humanos que estão preocupados com um futuro melhor para todos, independente do sexo ou de qualquer outra coisa, o conhecimento é fundamental para um melhor desenvolvimento humano individual e coletivo. (Matias)

Minha família nunca interferiu muito nas minhas escolhas acadêmicas. Acredito que isso se deu pela falta de instrução de muitos deles, por não conhecerem o sentido do que é conseguir entrar e se manter na universidade. Sou o primeiro da família a estar numa segunda graduação e também o único que foi aprovado numa seleção de mestrado. Meu avô, que por muitas vezes chegou a me desencorajar, nada tão compulsório ou relacionado ao gênero, ele sempre se referia às questões salariais e à desvalorização do professor. (Mateus)

Segundo Dubar (2012), os modos de organização dos empregos, da formação profissional e das carreiras estão atrelados aos preceitos de rentabilidade, tal como são subordinados às tradições sociais que possibilitam variações das instituições e aos atores da socialização profissional. No que se refere à questão salarial, a autora Josiane Peres Gonçalves (2009) salienta, em sua tese doutoral, intitulada “*O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras*

bem-sucedidas no magistério”, que a questão da remuneração dos professores é fator fundamental para os profissionais estarem em situação de bem-estar, dado que com melhores condições salariais há também um sentimento de valorização social, o que poderia reverter a situação do magistério para um *status* de bem-estar docente e motivaria outras pessoas ao exercício da profissão.

Com relação às possibilidades de desistência, metade (8) dos entrevistados já considerou desistir do curso. Dentre as motivações, os estudantes citaram vontade de realizar outra graduação, desmotivação provocada por alguns docentes e a relação pouco amigável com a turma, bem como as questões socioeconômicas relacionadas ao desemprego, desilusão com o curso e o mercado de trabalho. Mateus destaca as dificuldades relacionadas a “*ser homem*” na Educação Infantil e acrescenta:

Além disso, carrego um marcador de diferença muito forte, que cria ainda mais barreiras para que eu possa ocupar determinados espaços de trabalho, minha identidade sexual. De gays, afeminados e assumidos, a grande maioria dos gestores querem distância. Somos o exemplo do que não ser para outros profissionais e isso é desestimulante.

Com exceção dos entrevistados que já possuem uma graduação, ao escolherem a Pedagogia os alunos estão em busca de inserção laboral ou de mudança para uma atividade (no caso dos que já trabalham) representada como mais intelectual e qualificada. A esse respeito, Dubar (2012) explica que a aprendizagem de uma atividade profissional é um processo que perdura ao longo de toda a vida dos sujeitos e a socialização não é mais reservada apenas à infância, mas faz parte do processo de formação profissional. Além disso, o autor salienta que

[...] uma porção cada vez maior de pessoas deverá mudar de emprego, e mesmo de ofício ou de profissão, ao longo de sua vida ativa em razão das novas tecnologias que se renovam a um ritmo crescente, mas também das políticas de grandes empresas multinacionais e dos poderes públicos. Por isso, a formação continuada, ligada ao trabalho, deve se tornar tão importante quanto a formação inicial. (DUBAR, 2012, p. 364).

Apesar da constatação de Dubar (2012) sobre as possibilidades da formação continuada ressignificarem a identidade profissional, as respostas apresentadas pelos alunos mostram que a falta de reconhecimento do exercício docente e o baixo retorno financeiro da profissão indicam uma identidade profissional desvalorizada, trazendo implicações de gênero

e classe social ao ancorar as representações sociais da Pedagogia como um curso de mulher e de pobre, conferindo-lhe uma identidade profissional de baixo poder e prestígio, e obstaculizando aspirações de mobilidade social ascendente.

As perspectivas de inserção profissional

Os alunos têm ciência das barreiras que enfrentarão ao decidirem prosseguir em um curso feminizado e enxergam a desvalorização social da profissão. Questionados sobre as suas perspectivas de inserção profissional, considerando as áreas que a Pedagogia engloba (gestão, docência, pesquisa e outras), alguns revelaram que não desejam atuar como docentes das séries iniciais do Ensino Fundamental, tampouco na Educação Infantil. Henrique, Léo, Matias, Mateus e Ariel pretendem seguir carreira acadêmica e ingressar no mestrado e doutorado, com vistas a seguir carreira docente de nível superior. Fábio e Eric também revelaram interesse em desenvolver pesquisas, ainda que Eric compreenda a desvalorização das pesquisas no Brasil:

[...] eu também queria trabalhar com pesquisa. Eu pesquisei na iniciação científica e gostei muito de trabalhar com isso. Só que aí entra um problema social muito forte e eu tenho noção disso, a questão de que pesquisa no Brasil não é valorizada. A remuneração é baixíssima, os incentivos são piores ainda, então é difícil você trabalhar com pesquisa no Brasil, mas eu adoraria trabalhar com pesquisa também. Docência e pesquisa pra mim são dois caminhos que eu amaria seguir.

Pedro e Lucas expressaram interesse em seguir a carreira de Pedagogos a partir da realização de concursos públicos. Já Henrique espera exercer a profissão “*de preferência no tribunal de justiça*” devido a sua formação incompleta em Direito, a qual planeja concluir. A gestão também foi citada nas entrevistas de Caio, Henrique, Fábio, Marcos, Manolo, Pedro e Xisto. Pedro aponta ainda a supervisão escolar como uma das possibilidades de atuação profissional futura.

Para os que já lecionam (Paulo, Matias e Manolo), a docência na Educação Básica permanece entre os seus interesses de atuação, como também parece interessante a Eric e a Caio. Pedro é o único a cogitar a docência na Educação Infantil, enquanto Willy manifesta o desejo de trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Já Marcos disse não possuir expectativas de atuação profissional como pedagogo. Por sua vez, com uma visão

empreendedora, David declarou ter um plano para “*montar uma escola com minha irmã, minha mãe, tias e primas, pois são todas pedagogas*”.

Observa-se que a maioria dos estudantes aspira a inserção profissional na educação, mas em áreas mais prestigiadas, como a docência no nível superior e a Pedagogia Jurídica, distanciando-se das áreas de atuação desvalorizadas na Educação Básica. Desta forma, ainda que legitimem sua presença na profissão, eles ambicionam posições elevadas de carreira. A esse respeito, Bourdieu (2012) salienta que

As mudanças visíveis de condições ocultam, de fato, a permanência nas posições relativas: a igualização de oportunidades de acesso e índices de representação não deve mascarar as desigualdades que persistem na distribuição entre os diferentes níveis escolares e, simultaneamente, entre as carreiras possíveis. (BOURDIEU, 2012, p 108-109).

Ao serem indagados sobre como compreendem a entrada dos homens em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino, os alunos apontaram o preconceito, sobretudo na educação de crianças pequenas, e atrelaram o preconceito aos estereótipos criados com base na divisão de papéis sociais e sexuais. Henrique, que inicialmente não teve a Pedagogia como primeira opção de curso, relatou ser o único homem de sua turma e destacou a divisão sexual horizontal do trabalho que designa a Pedagogia como um dos “*cursos destinados para mulheres*”:

Bom, partindo da realidade em que vivencio, ainda há um preconceito, principalmente quando tratamos da educação infantil. O número de homens no curso é bastante reduzido, na minha sala como exemplo só tem eu de aluno do sexo masculino, mas isso se dá por um estereótipo criado em nossa sociedade em que os homens devem seguir algumas carreiras e as mulheres outras. E o curso de Pedagogia acaba entrando nesse hall de “cursos destinados para mulheres”.

Cardoso (2004) salienta, em sua dissertação de mestrado intitulada “*A identidade de professores homens na docência com crianças: Homens fora do lugar?*”, que as relações de gênero no espaço escolar vão além de “concepções culturais próprias de uma sociedade e de uma época” (p. 9), mas também atuam como formas de contestação ou legitimação a certos tipos de papéis sociais direcionados a homens e mulheres. A perspectiva sociológica crítica da divisão sexual do trabalho no contexto das relações sociais de sexo se contrapõe à ideologia naturalizadora das diferenças e papéis desiguais de homens e mulheres, ainda presente no

senso comum. Segundo essa perspectiva, os dois princípios constitutivos da desigualdade de gênero no trabalho, o princípio da separação e o princípio hierárquico (HIRATA; KERGOAT, 2007), condicionam a identidade profissional docente, entrelaçando-a a essa construção gendrada dos espaços e trabalhos sociais.

Seis alunos (Ariel, Caio, Eric, Léo, Pedro e Willy) enxergam um passo importante nesse movimento de inserção de homens na Pedagogia para “*quebra de paradigmas*” e ruptura de “*convenções sociais danosas*”. Enquanto Paulo compreende o movimento como uma “*luta diária por espaço*”, Manolo não acha “*que há espaços [sócio-ocupacionais] pré-determinados para homens ou mulheres. Há, sim, capacitações*”, talvez sugerindo que as capacitações não seriam naturalmente gendradas, mas adquiridas por qualquer pessoa. Já Lucas considera um “*desafio*”, mas ressalta que “*nos dias de hoje, a diversidade é mais aceita*”. Apesar de defender a inserção de homens na profissão, Mateus considera que “*ainda estamos longe de não operar com caixinhas identitárias*” e que o caminho para dismantelar tais concepções é longo, dado que

[...] trata-se de uma seara complexa, de determinações estruturais que estão sendo por nós questionadas no cenário contemporâneo. Além disso, o caminho cotidiano desse movimento de tentativas de ruptura é também exaustivo. Às vezes nos pegamos cansados da resistência e da diferença. Falo isso também enquanto Assistente Social, área em que atuo atualmente e que carrega o mesmo ranço histórico que a Pedagogia, quando se trata da presença masculina em espaços de atuação profissional.

De igual modo, Xisto considera “*bastante difícil principalmente pelo preconceito*”, pois “*a sociedade vê apenas mulheres atuando na educação infantil e fundamental I (...) isso pode até ser falta de confiança ou questão de costume mesmo*”. Em estudo realizado com professores de quatro municípios do Mato Grosso do sul, intitulado “*Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos*”, Gonçalves, Faria e Reis (2016) apontam os limites impostos a professores do sexo masculino na execução de tarefas próprias da profissão docente na Educação Infantil, como banho e troca de fraldas. Ao longo das discussões, as autoras destacam que poucos homens escolhem a carreira docente por considerarem uma profissão feminina, contudo, afirmam que, sobretudo na Educação Infantil,

As crianças necessitam ter convívio com adultos de ambos os sexos, pois são as suas referências de vida, especialmente na escola, local em que elas iniciam a socialização fora da família. Nesse sentido, pode-se afirmar que

homens podem contribuir de forma positiva na educação de crianças. (GONÇALVES; FARIA e REIS, 2016, p. 1009).

Marcos acha “*desconfortável*” tanto para homens quanto para mulheres estarem em uma área com predominância do outro sexo. Consta que “*o número de homens no curso é quase nulo; na questão profissional, em relação a oportunidades de emprego, é bastante baixa, pela minha experiência, pouquíssimas instituições contratam homens*”. A carência de oportunidades no mercado de trabalho, sobretudo como docentes da Educação Básica, é um dos fatores de desmotivação para David, que relata nunca ter visto “*professores homens em creches ou fundamental 1, só se for de Educação Física. O próprio mercado exclui essa possibilidade, sendo possível apenas através de concursos*”.

Segundo dados do Censo da Educação Básica de 2022, 657 mil docentes atuam na Educação Infantil, dos quais 96,3% são do sexo feminino e apenas 3,7% são do sexo masculino. Já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a participação dos homens é um pouco maior, dos 763.048 docentes que atuam nesta etapa, 87,8% são do sexo feminino, enquanto 12,2% são do sexo masculino, enfim os números revelam a persistência da baixa participação de homens na educação de crianças.

Fábio ressalta que a inserção dos homens nesses espaços é importante, pois “*ajuda a desmistificar que o cuidado com crianças se restringe às mulheres, fomentando, inclusive, maior participação dos pais nas tarefas dos filhos e numa participação ativa em sua formação, que acaba muitas vezes delegada às mães*”. Igualmente, Matias pontua que não vê problema no fato dos homens ocuparem espaços feminizados e ressalta:

Depois de estudar a história da educação e saber que esse espaço antes era ocupado por homens e que com a desvalorização principalmente econômica foi repassado para o público feminino, e que todo homem quando se torna pai faz tudo que uma mulher pode fazer por um filho, não vejo nenhum problema em que o público masculino possa frequentar qualquer curso ocupado predominantemente por mulheres. Além de tudo, passei a compreender a importância da Pedagogia para a formação humana, individual e coletiva. Acredito que todos os profissionais da educação deveriam cursar Pedagogia, seja por vontade própria ou por obrigação curricular.

Em estudo realizado com professores do sexo masculino nas séries iniciais do ensino fundamental de escolas públicas no Rio de Janeiro/Brasil e em Aveiro/Portugal, Amanda Rabelo (2010a; 2010b; 2011 e 2013) pontua que a presença destes docentes na sala de aula

pode provocar diversas representações de gênero e, deste modo, os professores decidem se quebram ou perpetuam tais representações. Contudo, a autora sinaliza que a demarcação da presença de professores do sexo masculino na docência com crianças pequenas é uma forma de inserir as questões de gênero no espaço educacional, demonstrando que homens podem escolher tal atividade e exercê-la com sucesso, o que evidenciaria que as aptidões para o magistério independem do sexo biológico.

Ainda nessa perspectiva, ao dissertar sobre as relações de gênero e o trabalho docente de professores homens em creches, Deborah Sayão (2005) pontua que a inserção profissional de homens em uma profissão de gênero feminino aumentaria as possibilidades de permanência desses sujeitos e traria outros benefícios:

Algumas pesquisadoras mais ligadas à Sociologia do Trabalho indicam que o envolvimento de um maior número de homens na Educação Infantil aumentaria a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que a Educação Infantil seria um trabalho somente para as mulheres alterando, dessa forma, a imagem da profissão e, quem sabe, melhorando significativamente os salários e o status da carreira. (SAYÃO, 2005, p. 16).

Outrossim, se a presença de mulheres em áreas socialmente destinadas aos homens causa espanto, como, por exemplo, na Engenharia Civil, cujo quantitativo de mulheres no curso é de apenas 29,9% (BRASIL, 2022), a presença de homens na Pedagogia também pode causar estranheza, desconforto e precisar ser reafirmada constantemente. Todavia, é preciso investir na formação inicial e continuada para problematizar a visão estereotipada que se tem do homem na educação, a fim de desconstruir concepções hegemônicas acerca do gênero e da própria profissão, buscando mudar as representações sociais gendradas da Pedagogia.

Questionados sobre se a formação profissional vem problematizando e revertendo a reprodução de estereótipos profissionais e de gênero, Xisto, Matias e David optaram por não responder, Lucas acredita que não, e Manolo, que expressa um entendimento de que o gênero é natural, mas que a formação profissional é decisiva, afirma haver “*certa dose de exageros nos estereótipos de gênero*” e completa:

Os gêneros, a meu ver, foram determinados biologicamente ao nascermos. A partir daí, se são opções, ou limitações corporais, são pessoais e individuais. Não precisamos influenciar ou conduzir. Muitas pessoas atualmente fazem dessas condições de diversidade, formas de promoção pessoal, tentando desse modo suplantar formações técnicas, talento pessoal ou profissional. A formação

profissional deve ser usada para dar equidade às pessoas, independente de suas opções pessoais e de suas escolhas individuais.

O foco nas questões de gênero constitui “uma parte crucial da organização da igualdade e da desigualdade. As estruturas hierárquicas dependem da compreensão generalizada das assim chamadas relações naturais entre homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 91). Nesse sentido, Mateus, que apresenta um entendimento mais profundo das questões de gênero e compreende a complexidade da temática, considera que a problematização acontece no âmbito formativo, mas ainda de maneira prematura no curso.

Tratando-se do curso de Pedagogia na UFPB, por exemplo, temos uma única disciplina que trata dessas questões, mas ela não é obrigatória e, do meu ponto de vista, é insuficiente para um debate tão complexo e amplo. Além disso, poucos professores têm entendimento mínimo ou consideram o que foi/é produzido nos Estudos de gênero, de masculinidades, feministas, culturais, dentre outros. A discussão acaba perdendo seu calço teórico e recai no âmbito da normatividade, criando a lógica do tolerante dominante e do tolerado dominado. Acho que falta um pouco de epistemologia nessas discussões para que não venhamos a incorrer em espontaneísmos.

Os demais estudantes consideram que a problematização dos estereótipos profissionais e de gênero no campo formativo ainda é pequena. Pedro, Fábio e Léo pontuam que as discussões caminham a “*lentos passos*” e são “*isoladas*”, com abordagens “*descontinuadas*” e “*nada substancial*”. Assim como Mateus, Ariel salienta que durante o curso se deparou apenas com uma disciplina que tratava da discussão.

Dentro da própria UFPB, apenas me deparei com uma disciplina que falava sobre tal assunto e ainda estava rotulado por Educação e Diversidade Cultural. Partiu do meu interesse conversar com outros professores(as), para saber se existia alguma extensão que falasse sobre gênero, sexualidade e currículo. Ao descobrir, decidi participar na mesma hora. A conclusão que tive, mesmo que prévia, existe um debate sobre, porém pouco explanado. Essa formação vem problematizando, todavia, ainda pouco debatida em sala [de aula] e com pequenas modificações desses estereótipos.

Assim, diante das considerações apresentadas pelos estudantes, observa-se a necessidade de que a experiência formativa atue na mudança das representações sociais tradicionais prevalentes no curso e no mercado de trabalho, uma vez que “as representações

sociais são a forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente” (MOSCOVICI, 2005, p. 16).

À vista disso, os achados aqui apresentados sugerem que cabe à instância formativa problematizar as representações sociais sobre a identidade profissional gendrada da Pedagogia. Por um lado, visibilizando as consequências do seu gendramento para a atuação de homens e mulheres que, por lei, têm direitos iguais de exercício profissional na educação das crianças. Por outro lado, ampliando as possibilidades formativas do curso, ora restritas ao magistério infantil e das séries iniciais, descolando sua identidade profissional das representações sociais de gênero (que destinam a Educação Infantil às mulheres) e questionando a própria desvalorização profissional desse curso feminizado e pouco atraente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve em vista analisar a percepção de estudantes homens a respeito da sua inserção em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino, enfocando as representações sociais de alunos do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPB, Campus I, para compreender as construções da identidade profissional e de gênero no contexto da experiência formativa. Sendo assim, considerando que a educação escolar se feminilizou e feminizou (YANNOULAS, 2011) ao longo do século XX e hoje 79,3% do professorado da Educação Básica são constituídos por mulheres (BRASIL, 2021), é importante refletir sobre as implicações que esse gendramento social e individual traz para a educação, particularmente para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, etapas de atuação dos/as Pedagogos/as, que apresentam escasso percentual de docentes do sexo masculino.

Como constatado, as representações sociais dos alunos entrevistados sobre a Pedagogia indicam que eles percebem o curso como possibilidade de escolha e de atuação profissional para ambos os sexos e consideram a entrada dos homens no curso como um movimento importante para romper as barreiras do preconceito. Ainda que a maioria não tenha encontrado resistência ao escolher a Pedagogia, os alunos percebem os obstáculos e os desafios a serem enfrentados por aqueles que optarem pela docência na Educação Infantil.

No que tange às perspectivas futuras de inserção profissional, é evidente que os estudantes pleiteiam postos de trabalhos mais elevados na área educacional, como o desenvolvimento de pesquisas, docência no nível superior, gestão e supervisão escolar, Pedagogia Jurídica, ou seja, legitimam sua entrada em um espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino, mas almejam postos de trabalho que se distanciam das posições desvalorizadas da profissão, como a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por conseguinte, é possível concluir que os alunos do sexo masculino que decidem enveredar-se por um campo formativo e laboral marcadamente feminino, constroem sua identidade profissional ora escapando dos lugares mais feminizados da profissão, como a Educação Infantil, ora afirmando sua inclusão nesses lugares, contestando a feminização da Pedagogia. Já as representações sociais de gênero contribuem para a exclusão desses sujeitos, tanto no campo laboral, exceto no setor público, quanto no campo formativo, quando não são problematizadas no currículo.

Nesse aspecto, a formação acadêmica assume um importante papel no movimento de ruptura das representações sociais sobre a docência, particularmente infantil, como ocupação feminina e os olhares de suspeita que se voltam à presença dos homens na Pedagogia, dado que entender a necessidade de discutir essas questões no meio formativo é o primeiro passo para dismantelar estereótipos de gênero que reforçam a divisão sexual do trabalho.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir para desmistificar a visão estereotipada que se tem do homem na Educação, especialmente infantil, e colabore para as discussões sobre a igualdade de gênero, visto que as diferenças percebidas entre os sexos, que têm gerado, historicamente, desigualdades de gênero, necessitam ser problematizadas, a partir da divisão de papéis destinados aos homens e às mulheres, sobretudo na esfera profissional. Espera-se, ainda, que possa contribuir para repensar e ampliar as finalidades formativas da Pedagogia, para além da docência na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, desgredando essas etapas da educação básica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**, Paranaíba/MS, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2012.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127–147, nov., 2002.

BÖHM, Bianca Camacho de Almeida; CAMPOS, Míria Izabel. Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados/MS, v. 1, n. 1, p. 59-72, jan./jun. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar: Sinopse Estatística da Educação Básica 2021**. Brasília/DF: INEP, 2022. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/dados_abertos/sinopses_estatisticas/sinopses_estatisticas_censo_escolar_2021.zip>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resumo técnico do Censo Escolar da Educação Básica 2022**. Brasília/DF: INEP, 2023. 82 p. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2022.pdf>. Acesso em: 05 de abr. 2023.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2020**. Brasília/DF: INEP, 2022. 78 p. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2020.pdf>. Acesso em: 19 de mar. 2023.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (MEC). Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura. Diário Oficial. Brasília, 16 de maio de 2006. Seção 1, p.11.

CARDOSO, Frederico Assis. **A identidade de professores na docência com crianças: homens fora do lugar?** Orientadora: Marluicy Alves Paraíso. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia e Engenharia: um estudo comparativo na UFPB e na UFU**. Projeto de Pesquisa. Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018. Processo: 437609/2018. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

_____. Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia na UFPB. Plano de Trabalho. Projeto PIBIC Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia e Engenharia: um estudo comparativo na UFPB e na UFU. Departamento de Habilitações Pedagógicas, Universidade Federal da Paraíba, 2020.

_____. Homens na Pedagogia: motivações e perspectivas de inserção profissional. Plano de Trabalho. Projeto PIBIC Representações sociais das identidades profissionais e de gênero por estudantes de Pedagogia e Engenharia da UFPB. Departamento de Habilitações Pedagógicas, Universidade Federal da Paraíba, 2021.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes Masculinas numa Profissão Feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v. 6, n. 2. 1998.

CRUSOÉ, Nilma. Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER – Cad. de Filosofia e Psicologia**, [s.l], v. 2, n. 2, p. 105–114, 2004.

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. Representações sociais como obstáculos simbólicos à incorporação do habitus científico. **Ariús**, Campina Grande/PB, v. 16, n. 1/2, p. 31-48, jan./dez., 2010.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução: Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 351–367, maio/ago., 2012.

FARIA, Adriana Horta de; GONÇALVES, Josiane Peres. Caminhos trilhados: atuação de professores homens no magistério entre 1971 e 2014. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [s.l], v. 16, n. 45, p. 283-303, 2019.

FERREIRA, Eliana Maria Ferreira; OLIVEIRA, Timóteo Neres de. “Fora do lugar ou um lugar novo”: a presença masculina na educação infantil. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados/MS, v. 4, n.7, p. 89-108, jan./jun. 2016.

FERREIRA, José Luiz; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa. **Olhar de professor**, Ponta Grossa/PR, v. 9, n. 1, p. 143-157, 2006.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar de crianças em creches. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [S.l], v. 10, n. 1, p. 145-151, 2008.

GONÇALVES, Josiane Peres. “Eu sou professor por decisão, porque eu gosto, porque é minha vida!” Paixão, identidade e formação na docência masculina. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara/SP, v. 15, n. 3, p. 1221-1235, jul./set. 2020.

_____. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério.** Orientador: Juan José Mouriño Mosquera. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____; ANTUNES, Jéssica Barbosa. Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais. **Interfaces da Educação**, Paranaíba/MS, v. 6, n. 16, p. 134-153, 2015.

_____; CARVALHO, Patrícia da Silva. Atuação docente masculina com crianças pré-escolares em Salto Del Guairá-PY. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. 01-22, 2020.

_____; FARIA, Adriana Horta. Representações sociais de pais sobre atuação de homens como educadores de crianças de 0-3 anos. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 25, n. 49, p. 282-297, mai./ago. 2015.

_____; FARIA, Adriana Horta; REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorim dos. Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos. **Perspectiva**, Florianópolis/SC, v. 34, n. 3, p. 988-1014, set./dez. 2016.

_____; OLIVEIRA, Edicleia Lima. Comunidade escolar de Mato Grosso do Sul: refletindo sobre o trabalho de docentes do gênero masculino. **Educação**, Porto Alegre/RS, v. 40, n. 2, p. 275-285, mai./ago. 2017.

_____; OLIVEIRA, Edicleia Lima. Diversidade cultural e relações de gênero em uma escola indígena sul-mato-grossense. **Educação e Pesquisa**, São Paulo/SP, v. 44, p. 01-19, 2018.

_____, Josiane Peres; OLIVEIRA, Leonardo Alves de. Representações sociais relacionadas aos professores homens do ensino fundamental e as inevitáveis associações às professoras. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá/PR, v. 38, n. 4, p. 383-393, oct./dec. 2016.

_____; PENHA, Natalia Ribeiro da. Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de Pedagogia. **Zero-a-seis**, Florianópolis/SC, v. 17, n. 32, p. 170-192, jul./dez. 2015.

_____; SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; REIS, Maria das Graças Fernandes de Amorim dos. Gestoras municipais de educação infantil: (des)confiança no trabalho realizado por homens educadores. **Interacções**, [s.l.], v. 13, n. 45, p. 172-191, 2017.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. **Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v. 25, n. 2, p. 545-570, mai./ago. 2017.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____. (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

_____. **Loucura e representações sociais**. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação & Realidade**, v. 14, n. 2, p. 31-39, jul./dez., 1989.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeitas e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 153, p. 720-741, jul./set. 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

MOURA, Jónata Ferreira de. A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz: uma discussão panorâmica. **InterEspaço**, Grajaú/MA, v. 2, n. 5, p. 490-513, jan./abr. 2016.

ONU MULHERES. **Por um Planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero**. 2016. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/>>. Acesso em 6 de fev. 2023.

RABELO, Amanda. Professores Homens nas Séries Iniciais: escolha profissional e mal-estar docente. **Educação e Realidade**, [online], v. 35, n. 2, p. 279-298, 2010a.

_____. “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. **Revista Lusófona de Educação**, [online], v. 15, n. 15, p. 163-173, 2010b.

_____. A escolha profissional dos homens pela docência na escola “primária”. **Revista Educação em Questão**, Natal/RN, v. 41, n. 27, p. 06-37, jul./dez., 2011.

_____. Escolas de formação de professores/as no Brasil e em Portugal e a feminização do magistério. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas/SP, n. 46, p. 24-45, jun., 2012.

_____. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo/SP, v. 39, n. 4, p. 906-925, out./dez., 2013.

RIBEIRO, Cláudia Regina; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O novo homem na mídia: O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. **Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v. 15, n. 1, p. 217-241, jan./abr., 2007.

RODRIGUES, Sílvia Adriana; MANHOLER, Estefânia; GOMES, Alberto Albuquerque. Em busca de identidade: Educação Infantil é lugar de homem? **RIAEE – Revista**

Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara/SP, v. 15, n. esp. 3, p. 2298-2313, nov., 2020.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** Orientadora: Ana Beatriz Cerisara. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade.** v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo/SP: Cortez, 2013.

SILVA, Marciano Antonio; LAGE, Allene Carvalho. “Você é um ótimo profissional, não temos dúvidas, mas para minha escola não dá certo”: o caso dos professores homens no município de Caruaru-PE. **Revista Cocar,** [s.l], v. 14, n. 28, p. 506-520, jan./abr., 2020.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. Homens do amanhã: reflexões sobre performances de masculinidades na educação infantil. **Revista Prâksis,** Novo Hamburgo/RS, ano. 16, n. 2, p. 209-225, mai./ago., 2019.

TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; NUNES, Marina M. R.; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa,** v. 40, n. 140, p. 445-477, maio/ago., 2010.

VIEIRA GONÇALVES, Suzane da Rocha. A pedagogia da infância como perspectiva para a formação de professores: um estudo a partir do Curso de Pedagogia da FURG. **HOLOS** [S.l], ano 30, v. 4, p. 521-532, 2014.

XAVIER, Nubea Rodrigues; ALMEIDA, Bianca Camacho de. Homens na educação infantil: reflexões acerca da docência masculina. **Horizontes – Revista de Educação,** Dourados/MS, v. 4, n. 7, p. 109-120, jan./jun. 2016.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis.** Brasília/DF, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez., 2011.

APÊNDICE A - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO HOMENS NA PEDAGOGIA, 2021.

Nº	Ano de publicação	Tipo de produção	Publicado em:	Título	Autoria	Link de acesso
1	1998	Recorte de tese de doutorado	ESTUDOS FEMINISTAS	Vozes Masculinas numa Profissão Feminina	Marília Pinto de Carvalho	https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12017/11303
2	2004	Dissertação de mestrado	Disponível no repositório institucional da UFMG O resumo foi publicado no periódico Trabalho & Educação (UFMG).	A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?	Frederico Assis Cardoso	https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/hjpb-67be2p/1/ppeducacao_fredericoassiscardoso_dissertacao_mestrado.pdf
3	2007	Artigo publicado em periódico	ESTUDOS FEMINISTAS	O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes	Cláudia Regina Ribeiro; Vera Helena Ferraz De Siqueira	https://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a13v15n1.pdf
4	2008	Artigo publicado em periódico	REVISTA ELETRÔNICA DE ENFERMAGEM	A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar de crianças em creches	Vera Lúcia de Oliveira Gomes	https://revistas.ufg.br/fen/article/view/8006/5790
5	2009	Tese de doutorado	TEDE: sistema de publicação eletrônica de teses e dissertações dos programas de pós-graduação da PUCRS	O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério	Josiane Peres Gonçalves	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3603/1/412611.pdf
6	2010	Artigo publicado em periódico	EDUCAÇÃO E REALIDADE	Professores Homens nas Séries Iniciais: escolha profissional e mal-estar docente	Amanda Oliveira Rabelo	https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8198/9481
7	2010	Artigo publicado em periódico	REVISTA LUSÓFONA DE EDUCAÇÃO	“Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária	Amanda Oliveira Rabelo	https://revistas.ulsofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1531/1257
8	2011	Artigo publicado em periódico	REVISTA EDUCAÇÃO EM QUESTÃO (ONLINE)	A escolha profissional dos homens pela docência na escola “primária”	Amanda Oliveira Rebelo	https://periodicos.ufm.br/educacaoemquestao/article/view/4000/3267
9	2012	Artigo publicado em periódico	REVISTA HISTEDBR ON-LINE	Escolas de formação de professores/as no Brasil e em Portugal e a feminização do magistério	Amanda Oliveira Rabelo	https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640070/7629
10	2012	Artigo publicado em periódico	INTERFACES DA EDUCAÇÃO	A androfobia na educação infantil	Messias Pereira Araújo; Care Cristiane Hammes	https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/download/580/544

11	2013	Artigo publicado em periódico	HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO	Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica	Bianca Camacho de Almeida Böhm; Míria Izabel Campos	https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/2044/1436
12	2013	Artigo publicado em periódico	EDUCAÇÃO E PESQUISA (USP.IMPRESSO)	Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental	Amanda Oliveira Rabelo	https://www.scielo.br/pdf/ep/v39n4/aop1132.pdf
13	2014	Artigo publicado em periódico	CADERNOS DE PESQUISA (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. IMPRESSO)	Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação	Mariana Kubilius Monteiro; Helena Altmann	https://www.scielo.br/pdf/cp/v44n153/a12v44n153.pdf
14	2014	Artigo publicado em periódico	HOLOS (NATAL. ONLINE)	A pedagogia da infância como perspectiva para a formação de professores: um estudo a partir do curso de pedagogia da FURG	Suzane da Rocha Vieira Gonçalves	http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/holos/article/download/1687/pdf_86
15	2015	Artigo publicado em periódico	EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA	Representações sociais de pais sobre atuação de homens como educadores de crianças de 0-3 anos	Josiane Peres Gonçalves; Adriana Horta de Faria	http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/artic/e/view/8040/6855
16	2015	Artigo publicado em periódico	INTERFACES DA EDUCAÇÃO	Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais	Josiane Peres Gonçalves; Jéssica Barbosa Antunes	https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/download/440/406
17	2015	Artigo publicado em periódico	ZERO-A-SEIS (FLORIANÓPOLIS)	Professor homem na educação infantil: o olhar de acadêmicos e alunos egressos do curso de pedagogia	Josiane Peres Gonçalves; Natalia Ribeiro da Penha	https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2015n31p170/30232
18	2016	Artigo publicado em periódico	INTERESPAÇO: REVISTA DE GEOGRAFIA E INTERDISCIPLINARIDADE	A feminização da docência na educação infantil da rede municipal de ensino de Imperatriz: uma discussão panorâmica	Jónata Ferreira de Moura	http://www.periodicoelectronicos.ufma.br/index.php/interespaço/artic/e/view/5296/3226
19	2016	Artigo publicado em periódico	HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO	“Fora do lugar ou um lugar novo”: a presença masculina na Educação Infantil	Eliana Maria Ferreira; Timóteo Neres de Oliveira	https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/download/5938/3194
20	2016	Artigo publicado em periódico	HORIZONTES - REVISTA DE EDUCAÇÃO	Homens na educação infantil: reflexões acerca da docência masculina	Nubea Rodrigues Xavier; Bianca Camacho de Almeida	https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/5958/3197
21	2016	Artigo publicado em periódico	PERSPECTIVA (FLORIANÓPOLIS)	Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos	Josiane Peres Gonçalves; Adriana Horta de Faria; Maria das Graças Fernandes de Amorim dos Reis	https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2016v34n3p988/pdf_1
22	2016	Artigo publicado em periódico	ACTA SCIENTIARUM. EDUCATION (ONLINE)	Representações sociais relacionadas aos professores homens do ensino fundamental e as inevitáveis associações às professoras	Josiane Peres Gonçalves; Leonardo Alves de Oliveira	https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5647249.pdf

23	2017	Artigo publicado em periódico	EDUCAÇÃO (PUCRS)	Comunidade escolar de Mato Grosso do Sul: refletindo sobre o trabalho de docentes do gênero masculino	Josiane Peres Gonçalves; Edicleia Lima de Oliveira	https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/24393/15905
24	2017	Artigo publicado em periódico	ESTUDOS FEMINISTAS	Masculinidades e docência na educação infantil	Angelita Alice Jaeger; Karine Jacques	https://www.scielo.br/pdf/ref/v25n2/1806-9584-ref-25-02-00545.pdf
25	2017	Artigo publicado em periódico	INTERACÇÕES	Gestoras municipais de educação infantil: (des) confiança no trabalho realizado por homens educadores	Josiane Peres Gonçalves; Valdelice Cruz da Silva Souza; Maria das Graças Fernandes de Amorim dos Reis	https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9571/pdf
26	2018	Artigo publicado em periódico	EDUCAÇÃO E PESQUISA	Diversidade cultural e relações de gênero em uma escola indígena sul-mato-grossense	Josiane Peres Gonçalves; Edicleia Lima de Oliveira	https://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-44-e185144.pdf
27	2019	Artigo publicado em periódico	EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA (ONLINE)	Caminhos trilhados: atuação de professores homens no magistério entre 1971 e 2014	Adriana Horta de Faria; Josiane Peres Gonçalves	http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/2520/47966823
28	2019	Artigo publicado em periódico	REVISTA PRÂKSIS	Homens do amanhã: reflexões sobre performances de masculinidades na educação infantil	Paulo Melgaço da Silva Junior	https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/download/1916/2384
29	2020	Artigo publicado em periódico	REVISTA COCAR (ONLINE)	“Você é um ótimo profissional, não temos dúvidas, mas para minha escola não dá certo”: o caso dos professores homens no município de Caruaru-PE	Marciano Antonio Silva; Allene Carvalho Lage	https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3135/1396
30	2020	Artigo publicado em periódico	REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO	“Eu sou professor por decisão, porque eu gosto, porque é minha vida!” Paixão, identidade e formação na docência masculina	Josiane Peres Gonçalves	https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12389/9162
31	2020	Artigo publicado em periódico	RESEARCH, SOCIETY AND DEVELOPMENT	Atuação docente masculina com crianças pré-escolares em Salto Del Guairá - PY	Josiane Peres Gonçalves; Patrícia da Silva Carvalho	https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/7764/7076
32	2020	Artigo publicado em periódico	REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO	Em busca de identidade: Educação Infantil é lugar de homem?	Sílvia Adriana Rodrigues; Estefânia Manholer; Alberto Albuquerque Gomes	https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/download/14438/9972/45881

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA PARA ALUNOS DE PEDAGOGIA (UFPB)

PROJETO DE PESQUISA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS IDENTIDADES PROFISSIONAIS E DE GÊNERO POR ESTUDANTES DE PEDAGOGIA E ENGENHARIA: um estudo comparativo na UFPB e na UFU

INFORMAÇÕES CENSITÁRIAS

1. Nome fictício:
2. Sexo/Gênero:
3. Orientação sexual:
4. Idade:
5. Estado civil:
6. Cor/raça/etnia:
7. Filhos/as:
8. Você trabalha? Se sim, qual sua profissão?

QUESTÕES DA PESQUISA

1. O que motivou sua escolha para este curso?
2. Alguém foi (ou é) contra sua escolha?
3. Como é sua relação com os/as alunos/as e professores/as no curso?
4. Você enfrenta alguma dificuldade para prosseguir no curso? Se sim, quais?
5. Você já considerou desistir do curso? Se sim, por quais motivos?
6. Em relação a trabalho/carreira profissional, quais suas perspectivas?
7. Dentre as áreas que a pedagogia engloba (docência, gestão, pesquisa ou outras), em qual delas você planeja atuar?
8. Como você compreende a entrada dos homens num espaço sócio-ocupacional predominantemente feminino?
9. A formação profissional vem problematizando e revertendo a reprodução de estereótipos profissionais e de gênero?